

## Trabalhos Científicos

**Título:** Testículo Não Descido Em Crianças Menores De 1 Ano No Brasil: Uma Análise Epidemiológica Dos Últimos 5 Anos

**Autores:** Introdução: O testículo não descido (ou criptorquidia) é uma anomalia urogenital prevalente em recém-nascidos do sexo masculino, caracterizada pela ausência de pelo menos um testículo no escroto (Leslie et al., 2024). Essa condição compromete o desenvolvimento reprodutivo, tornando-se relevante para a prática pediátrica. Objetivos: Analisar o perfil epidemiológico, nos últimos 5 anos, das internações por testículo não descido em crianças menores de 1 ano. Metodologia: Estudo ecológico, transversal, retrospectivo e de análise quantitativa, baseado em dados do Sistema de Informações Hospitalares (SIH/SUS), referentes aos anos de 2020 a 2024. Foram analisados dados sobre o número de internações por testículo não descido em crianças menores de 1 ano, considerando indicadores como região de internação e cor/raça. Além disso, foram avaliados a média de permanência hospitalar e o valor médio por internação. Resultados: Foram registradas 1.834 internações por testículo não descido em crianças menores de 1 ano no período analisado. A maior prevalência ocorreu na Região Sudeste (40,1%, n=737), seguida pelo Sul (26,2%, n=481), Nordeste (17,6%, n=323), Centro-Oeste (8,8%, n=162) e Norte (7,7%, n=131). Em relação à cor/raça, a maior prevalência ocorreu entre pardos (44,9%, n=825), seguidos de brancos (37,2%, n=683), pretos (3,5%, n=66), amarelos (0,5%, n=11) e indígenas (0,05%, n=1), enquanto em 13,5% dos registros (n=248) não havia informação disponível. A média de permanência hospitalar foi de 1,4 dias, variando entre 2,6 na Região Norte, 2,3 no Nordeste, 1,5 no Centro-Oeste, 1,4 no Sudeste e 0,7 no Sul. O valor médio das internações foi de R\$ 644,12, sendo mais elevado no Norte (R\$ 854,12), seguido pelo Sul (R\$ 696,44), Sudeste (R\$ 663,93), Centro-Oeste (R\$ 542,51) e Nordeste (R\$ 486,61). Conclusão: Os achados evidenciam que as internações concentram-se principalmente na Região Sudeste e entre indivíduos pardos. Ademais, apesar de apresentar o menor número de casos, a Região Norte destacou-se pela maior média de permanência hospitalar e pelo maior custo médio das internações, contrastando com o Sul, que registrou o menor tempo de hospitalização, e o Nordeste, com o menor gasto médio. Esses resultados indicam desigualdades regionais na ocorrência e no manejo dos casos, reforçando a necessidade de estratégias voltadas à equidade no acesso e à eficiência do cuidado na pediatria. Além disso, é importante ressaltar que possíveis subnotificações nos registros podem comprometer a análise precisa dos dados.

**Resumo:** GIOVANNA SILVA RIBEIRO (UPE), RAIANE SOARES SANTOS (UPE), NICOLY DE MOURA CAVALCANTI BARBOSA (UPE), ELEN DE OLIVEIRA MUNGUBA (UPE)